

DUAS NECRÓPOLES DA IDADE DO FERRO NO BAIXO- -ALENTEJO: OURIQUE

(NOTÍCIA PRELIMINAR) (1)

Por

MARIA MANUELA ALVES DIAS, CAETANO DE MELO BEIRÃO
e LUIS COELHO

O aparecimento, no fim do Inverno de 1970, de três inscrições em caracteres ditos 'ibéricos', no concelho de Ourique (2), levou os AA. a deslocarem-se ao local do achado onde prospeccionaram e identificaram uma necrópole da 1.ª Idade do Ferro; — durante os trabalhos de sondagem e reconhecimento, localizaram na mesma região uma outra necrópole com os mesmos índices de cronologia e civilização.

A NECRÓPOLE DO MONTE DE A-DO-MEALHA-NOVA

Esta necrópole ocupa um pequeno cabeço, formado por um afloramento de xisto macio e ferroso ('pedra talisca' — na denominação popular regional) de orientação N-S, de vertentes muito suaves e que não se individualiza das outras pequenas elevações próximas; — o local, e dum modo geral todo o campo circunvizinho, é

(1) O texto deste artigo, destinava-se primitivamente a ser publicado nas Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, dado que o assunto de que trata foi objecto de uma comunicação aí apresentada pelos AA. Por vários motivos tal não foi possível, do que pedimos desculpa à Comissão da Publicação das Actas. Está em preparação um relatório exaustivo dos trabalhos feitos nestas necrópoles.

(2) «Diário de Notícias» de 18-3-70, 'local' de Beja intitulada: «Achado Arqueológico numa Herdade no Concelho de Ourique».

pouco arborizado (algumas azinheiras e um ou outro sobreiro) e dista uns escassos 200 m para E-SE da Aldeia de Palheiros, concelho e freguesia de Ourique (3): constituem-na 14 monumentos de um conjunto onde pudemos assinalar 17 (4), destes 14 monumentos, 12 apresentam a estrutura de túmulos (5), 2 são a estrutura da implantação no solo das estelas inscritas (6). Esta necrópole situava-se à profundidade mínima de 25 cm e máxima de 37 cm da superfície do solo — por este facto e por o local ser intensamente agricultado, com a intervenção anual de charrua e de tractor (cujo formão rasga a 35 cm), os túmulos encontraram-se muitíssimo destruídos; no solo, à superfície, havia muitos blocos de xisto de natureza diferente da 'talisca' local e abundavam fragmentos de quartzito de um branco leitoso irisado.

A vala de sondagem que permitiu a identificação da necrópole foi aberta segundo o sistema Nordstrom, de desenho radial e de largura reduzida: 35 cm.

Dada a baixa profundidade a que se situava o nível arqueológico e a péssima conservação dos monumentos, crivou-se inteira e escrupulosamente toda a terra lavrada do quadrante N-E e a do talhão S-SW. Estas duas crivagens, se bem que forçosamente muito morosas e dispendiosas, foram bastante lucrativas pela quantidade e qualidade do material aparecido. Apesar da ausência de estrati-

(3) O local da Necrópole tem as seguintes coordenadas geodésicas:

8° 15' O" WGr
53° 0' O" N

Segundo a 'Carta Corográfica de Portugal, 1:50 000' — folha 45-D, ed. do Instituto Geográfico-Cadastral, Lisboa 1960. A cota de elevação acusa 233 m.

É proprietário do terreno o Sr. Aníbal Loução Lêdo, lavrador e residente na Aldeia de Palheiros.

(4) Infelizmente de três tumulações da necrópole, hoje não restam mais que breves concavidades no solo e manchas de terra cozida.

(5) Não se exclui a hipótese de alguns destes monumentos não serem propriamente tumulações, mas sim pequenos monumentos adicionais a um túmulo — tal como recentemente J. P. Garrido Roiz encontrou no Cerro de La Joya (Huelva).

(6) As três inscrições provenientes desta necrópole estão a ser estudadas e, oportunamente, serão objecto de uma publicação dos AA. e do dr. Fernando Nunes Ribeiro, a cuja colecção pertencem.

grafia (ou melhor: presença de um único estrato — a terra de superfície violentamente revolvida pelo tractor) considerámos testemunho, provisoriamente, o quadrante N-W.

A estrutura genérica da construção dos monumentos obedece a dois tipos:

a) desbaste no solo firme, numa profundidade regulável entre os 5 e os 10 cm, de uma pequena vala de molde cilíndrico com cerca de 1m20 de comprimento por 45 cm de largura; construção de uma moldura circundante com pedra (xisto, sempre) grosseiramente afeixada (uma, duas, ou três molduras concêntricas), sem argamassa ou qualquer tipo de cimento a ligar os elementos; para cobertura do espaço tumular, pequenas placas de xisto dispostas em sentido transversal ao comprimento do túmulo; sobre isto muito provavelmente um 'tumulus' de pedra mais miúda e de terra alheia.

b) desbaste no solo firme (ou não), numa profundidade regulável entre os 45 e os 55 cm, de uma pequena vala de molde paralelepípedo com 1m20 (ou mais) de comprimento por 50 cm (ou mais) de largura; para cobertura deste espaço, grandes placas (ou uma grande placa sòmente) de xisto; sobre o que, também muito provavelmente, se levantava um 'tumulus' de pedra miúda e de terra alheia.

Do tipo b) apenas se identificaram 2 monumentos.

Em ambos os casos constituem túmulos de incineração.

A área total ocupada pela necrópole oscilará pelos 610 m².

A crivagem da terra arada revelou no quadrante N-E, além de muitos mas pequenos fragmentos de cerâmica incaracterística (¹), o seguinte material:

• 3 'sanguessugas', ou contas de xorca, de bronze/cobre e um fragmento de uma quarta, aparentemente maciças e de dimensões bastante reduzidas — 17 × 13 mm;

(¹) Trata-se duma cerâmica sem decoração, sem engobe, de desengordurante muito grosseiro e pasta quebradiça, indicando uma cozedura a baixa temperatura, e não apresentando os fragmentos recolhidos, salvo duas excepções, formas elementares — bordados, fundos ou asas. O seu estudo por analogias de pasta e coloração, com outras peças do mesmo contexto, será publicado no relatório antes referido.

• 5 lâminas de lança e 4 cotos, em ferro, tudo muito oxidado mas ainda de perfeita evidência tipológica — comprimentos médios: 37 cm de lâmina sendo 7 para o alvado; 40 cm de coto sendo 6/7 para o alvado. Seguindo a classificação de W. Schüle (in «Die Meseta Kulturen...»⁽⁸⁾) podemos facilmente incluir estas lanças no grupo 'Alcácerlanzen' (mapa 28) e cujos paralelos mais próximos se encontram em Altillo del Cerropozo, Guadalajara (est. 20), La Mercadera (est. 52), Moraleda (est. 82), Alcácer do Sal (n.º 3 da est. 105); e sobretudo em Almedinilla (exceptuando o n.º 1 da est. 84); o descentrado da nervura da lâmina é em algumas peças quase, se não inteiramente, idêntico ao que aparece nas lanças que pertenciam ao espólio do túmulo do Cabezo de Palmerón (Niebla), hoje disperso, e do qual praticamente só se conhece o famoso jarro piriforme — o Vaso de Niebla⁽⁹⁾. Estas lanças vimo-las em Sevilha na colecção do comandante Jesús García del Soto.

• Uma lâmina de pequena faca afalcatada, de ferro, bastante oxidada, cujo paralelo tipológico mais próximo se encontra também em Altillo del Cerropozo, Guadalajara (est. 20).

• 7 contas de colar de pasta vítrea e um fragmento de uma oitava (v. quadro das contas).

A crivagem da terra arada no talhão S-W revelou:

• Fragmento de uma lança de ferro morfológicamente semelhante às anteriores mas muito menos oxidada;

• 4 contas de vidro (v. quadro das contas);

• Uma pedra de colar, de cornalina, talhada em forma de 'bago de romã' com o orifício de suspensão de perfuração bicónica e cujo único paralelo que conhecemos se encontra na vitrine 46 do Museu

(8) Os números que passamos a referir são os da obra de Wilhelm Schüle, *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel — Mediterrane und Eurasische Elemente in Früheisenzeitlichen Kulturen Südwesteuropas*, Madrider Forschungen 3 Berlin 1969.

(9) Estudado principalmente por A. García y Bellido no 'Archivo Español de Arqueología' n.º 24 e 33 e no 'American Journal of Archaeology' n.º 52 e por Blanco Freijeiro no 'Archivo Español de Arqueología' n.º 26 e no n.º 1 dos 'Madrider Mitteilungen'.

de Sines sem indicação de proveniência — o restante material desta vitrina é romano.

Quando se baldeavam terras do talhão S-W para as peneiras apareceram, em momentos diferentes e de diversos pontos de extracção de terra, 3 fragmentos de prováveis braceletes de bronze/cobre cujos terminais apresentam a forma de cabeça de serpente — trabalho decorativo de filiação ibero-púnica.

MONUMENTO I

O monumento I, orientado no sentido E-W, obedece estruturalmente às construções de tipo b). Situava-se a 35 cm de profundidade da superfície do solo e foi encontrado com as placas de cobertura quebradas e caídas para o interior, formando ângulos variáveis de 42 a 50 graus. O 'tumulus' ainda se conservava parcialmente ascendendo 10 a 15 cm em alguns pontos da tumulação. O bloco de cobertura, composto por 18 elementos, tinha de comprimento máximo 2m55 e de largura máxima 1m06; a vala tumular, aberta em terra vermelha com abundantes pedaços de quartzo, tem 1m70 de comprimento por 50 cm de largura; o fundo desta vala encontrou-se a 75 cm do nível do bloco de cobertura (inclusivé) e primitivamente situar-se-ia a 55 cm do início da cobertura.

No interior do túmulo, a E, observou-se a seguinte estratigrafia:

- I — Breve camada de 5 cm de lama fina cobrindo torrões irregulares de cal ⁽¹⁰⁾;
- II — estrato de 21 cm de terra barrenta com pedaços de quartzo;
- III — uma camada de terra queimada com espessura variável de 2 e 4 cm;

⁽¹⁰⁾ A presença de torrões de cal no interior destes túmulos de incineração tornou-se, para nós uma constante — singularmente neste túmulo a cal não aparece misturada com as primeiras cinzas, o que se verificou em todos os outros casos. A existência de cal em tumulações de incineração não é, de modo nenhum, um facto inédito veja-se por exemplo o recente trabalho de J. P. Garrido Roiz, 'Excavaciones en la Necropolis de «La Joya», Huelva', *Excavaciones Arqueológicas en España*, 71, C. S. I. C., Madrid 1970. Em «Las Madrigueras», Martín Almagro Gorbea encontrou, em sepulturas de urnas de incineração um cobrimento de gesso e cal — v. *La Necropolis de «Las Madrigueras» Carrascosa del Campo (Cuenca)*, *Bibliotheca Praehistorica Hispana* — X, C. S. I. C., Madrid 1969.

IV — estrato de cinzas com 10 cm aproximadamente;

V — finalmente, uma fina camada de terra queimada com espessura variável entre 2 e 3 cm.

O espólio arqueológico distribuía-se desde os primeiros 12 cm do estrato II até ao fim da camada IV.

O derruimento da cobertura fez penetrar no túmulo os seus elementos a profundidades variáveis entre 15 e 25 cm.

Recolheu-se o seguinte espólio :

• Taça de corpo semi-esférico e larga aba formando o bordo, assente sobre um pé moldado separadamente e aposto, antes da cozedura, ao corpo esférico da taça. A pasta de toda a peça é fina com desengordurante de grão muito miúdo. O corpo e a aba são cobertos, interior e exteriormente, por um engobe muito pouco espesso de cor castanho/nogueira, enquanto que o pé tem um engobe, interior e exterior, castanho avermelhado, apresentando ainda manchas de cozedura irregular. A aba apresenta duas pequenas perfurações aparentemente feitas antes da cozedura ⁽¹¹⁾;

⁽¹¹⁾ Não conseguimos encontrar um satisfatório paralelo tipológico para esta peça. Únicamente na chamada cultura de Lautzitz ou Lausácia, que se estende geográficamente da Boémia ao Oder, e que representa um complexo problema de filiação (ou germânica ou ilírica) no bronze final do oriente europeu, aparecem (em Lausácia B) taças que morfológicamente correspondem a esta do túmulo I — consideremos, no entanto, que as peças de Lausácia são normalmente de dimensões maiores, que a sua pasta é mais grosseira, que a proporção entre o corpo esférico e o pé tronco-cónico é também diferente, e que ainda, ao que sabemos, todas as taças de Lausácia apresentam uma profusa decoração incisa. Sendo o perfil o único elemento comum, não podemos considerá-las, em absoluto, paralelos tipológicos. Caminhando para Ocidente, surge-nos outro 'paralelo tipológico' na cultura de Villanova I, da qual fazem parte exemplares com o mesmo tamanho, e inclusivé com dois orifícios na aba dispostos da mesma maneira (o que nesta cultura é frequente); a aba continua a ser decorada. Aqui a diferença é de ordem técnica: enquanto no nosso exemplar o pé é soldado ao corpo esférico da taça, no de Villanova I o corpo prolonga-se numa zona de transição, que é maciça, e que vai, ao alargar-se, formar o pé, como se pode ver na fig. 9 do livro de Hugh Hencken, 'Tarquinia and Etruscan Origins'.

- Dois grandes fragmentos de uma mesma ânfora abrangendo parte de uma asa. Trata-se, sem dúvida, duma ânfora de tipo púnico semelhante às de Aliseda, Kouass, Mogador ⁽¹²⁾;

- Anel de metal (Arg ?/ Sn ?) não analisado, de 2 cm de diâmetro, de perfil curvo e com os bordos ligeiramente voltados para o interior. Altura: 5 mm. Apresenta no lado interno vestígios de remate por soldadura;

- 5 campânulas esféricas do mesmo material que o anel atrás descrito. Diâmetro: 12mm. A esfericidade é conseguida pelo encaixe de duas semi-esferas ôcas, que apresentam uma perfuração circular (3 mm de diâmetro) disposta perpendicularmente à linha de encaixe. Em dois dos orifícios (de duas diferentes campânulas) está como que soldado um pequeno anel que serve de remate à perfuração. Como todo este material metálico se encontra bastante corroído não foi possível apurar se este tipo de remate nas perfurações é comum a todas as campânulas — hipótese que não é de afastar por esta forma de remate não ser inédita ⁽¹³⁾;

- Anel do mesmo material que as peças anteriores, com um 'escaravelho' engastado numa moldura giratória, ovalóide, formada por três finas cintas filiformes. Trata-se de um 'escaravelho', de pasta cerâmica/faiança, do tipo de protorax e élitros marcados; a sua superfície de um brilho acetinado apresenta uma coloração verde claro quase uniforme; não mostra empastamento de verniz. Na face do sinete lê-se em hieroglifos o nome do faraó Pedubaste (817-

⁽¹²⁾ J. Ramón Mélida, Tesoro de Aliseda; Michel Ponsich, Kouass, port antique et carrefour das voies de la Tingitaine, Bulletin d'Archéologie Marocaine VII, Rabat 1967, e André Jodin, Mogador Comptoir Phénicien du Maroc Atlantique, Études et Travaux d'Archéologie Marocaine II, Rabat 1966 — respectivamente; ver ainda: J. M. Maña, Sobre tipologia de ânforas púnicas, Crónica del VI Congreso Arqueológico del SE. Alcoy 1950, Cartagena 1951.

⁽¹³⁾ Ver por exemplo as pequenas esferas ôcas de Au, Arg e Sn(?) dos colares publicados por José Miguel da Costa, O Tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines), in Ethnos V, Lisboa 1966.

-763 a. C.), o primeiro faraó da XXIII dinastia. Provável fábrica de Naucrátis ⁽¹⁴⁾;

- Pequeno fragmento de ferro de uma peça curva não identificada;
- 14 contas de vidro (v. quadro das contas);
- 19 contas de resina (âmbar), 8 das quais muito fragmentadas; apresentam dimensões variáveis e os seus perfis podem inscrever-se em círculos, rectângulos, e triângulos de ângulos boleados; quanto à coloração correm a gama do vermelho ao castanho, havendo ainda dois exemplares amarelo mosqueado ⁽¹⁵⁾.

Nota: A taça encontrava-se emborcada, o anel com o 'escaravelho' estava imediatamente por debaixo assim como duas das maiores contas de vidro. Admite-se a hipótese da taça ter contido primitivamente todos os objectos de adorno encontrados junto dela.

MONUMENTO II

Quando se abria uma pequena vala para escoamento de águas pluviais que provavelmente caíam dentro de um ou dois dias, segundo previsões meteorológicas que felizmente não chegaram a verificar-se, junto a um pequeno 'monólito' aos 'pés' do Monumento I e

⁽¹⁴⁾ Bibliografia: Jean Vercoutter, *Les Objects Egyptiens et Egyptisants du Mobilier Funéraire Carthaginois*, Paul Geuthner, Paris 1945 e Pierre Cintas, *Manuel d'Archéologie Punique — I*, Picard, Paris 1970. De uma carta datada de Madrid 8.10.70 da prof. dr.^a Ingrid Gamer-Wällert, egiptóloga da Universidade de Tübingen, transcrevemos a seguinte nota referente a este 'escaravelho': «Une note à votre scarabée: Pedubaste, premier roi de la dynastie libyenne, 23.^e dynastie, qui reignait à Tanis dans le Delta, ca. 780-740. A Transcription des Hieroglyphes: Pz-dj-Bzstt. *Peut-être* le scarabée provient de Naucratis, inscription d'un style mauvais.» Segundo esta mesma autora trata-se do nome de Faraó mais antigo aparecido em 'escaravelhos' na Península Ibérica. Quanto ao material em que foi talhado o 'escaravelho', não se exclui a hipótese de tratar-se de esteatite, devido à sua macieza e coloração.

⁽¹⁵⁾ Pelo formato e coloração encontramos contas semelhantes a estas num dos colares do tesouro da Herdade do Gaio, publicado por J. M. da Costa in «*Ethnos*» V, Lisboa 1966. As contas de âmbar, geograficamente mais próximas, serão as encontradas por Abel Viana no 'tholos' do Barranco da Nora Velha, Senhora da Cola (Ourique), publicadas nas «*Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo*», Arquivo de Beja XVI, Beja 1959, e ainda referidas por Octávio da Veiga Ferreira no artigo «*Os artefactos pré-históricos de âmbar e a sua distribuição em Portugal*», Revista de Guimarães LXXVI, Guimarães 1966.

que, inicialmente julgáramos tratar-se de um afloramento de 'talisca', apareceu uma conta de vidro. Toda a terra que havia sido retirada para a abertura da vala foi, então, minuciosamente joeirada, aparecendo 5 novas pequenas contas. Estas contas faziam parte de um colar composto por 79 contas de vidro, 3 de resina (âmbar), uma de calcáreo e ainda 11 de cerâmica. Parte deste colar pôde retirar-se em posição, com uma ordenação das contas absolutamente registada. Para as contas de vidro (ver quadro das contas). As contas de cerâmica são pequeníssimos troços de cilindro com 3 mm de diâmetro e 1 mm de espessura, tendo o orifício 1 mm de diâmetro. Na 'mecânica' do colar a sua posição, e a sua função, é de obturação do orifício das contas maiores, evitando assim a rigidez do colar por introdução aí das pequenas contas de vidro preto de forma esférica (nem sempre muito regulares) que imediatamente se lhes seguem. A dr.^a Ingrid G.-Wällert afirmou-nos serem estas contas de cerâmica trabalho egípcio de cronologia muito imprecisa por extensa (desde 1300 a. C. até à romanização). As contas de âmbar são das mais pequenas que já vimos, dimensões: 5 mm de diâmetro, sendo 3 mm para o orifício, e com 7 mm de comprimento.

MONUMENTO III

Este monumento, orientado no sentido E-W, aproximadamente, obedece estruturalmente às construções do tipo a). Nele se encontrou o seguinte espólio: ferro — fragmentos muito oxidados da lâmina de uma lança e de um coto (da mesma lança); cerâmica — uma 'tijela' baixa (5 cm de altura), de grande boca (18cm5 de diâmetro); pasta grosseira e leve engobe castanho-tabaco. Tem paralelo no Castro da Pedra de Ouro (Alenquer) (16).

A disposição deste material dentro do túmulo é a mesma que a do espólio cerâmico e ferro (lança) do túmulo IV da necrópole da Herdade do Pêgo (v. adiante).

(16) Ver: Ernâni Barbosa, O Castro da Pedra de Ouro (Alenquer), O Arqueólogo Português — Nova Série — III, Lisboa 1956.

MONUMENTO IV

Este monumento, igualmente orientado no sentido E-W, obedece estruturalmente às construções do tipo b). Tinha a cobrir o espaço tumular uma única e grande placa de xisto; quando esta foi levantada encontrou-se o túmulo inteiramente vazio fazendo supor, dada a pequena infiltração de terras para o interior, uma violação total, com reposição da tampa, não superior a 100 anos.

Durante a limpeza superficial do Monumento VI apareceu sob uma pedra deslocada um objecto de adorno de bronze/cobre de tipologia frequente em contextos ibero-púnicos ⁽¹⁷⁾.

MONUMENTOS XV, XVI, XVII

Estes monumentos não são mais que vestígios de tumulações que se encontraram sob a forma de pequenas concavidades no solo ('talisca') numa mancha de terra queimada. A arquitectura destes monumentos foi totalmente destruída pela lavra e o seu espólio disperso no talhão N-NE, sujeito, evidentemente, ao movimento bostrófedo próprio das lavras. Em XVII apareceu um fragmento de uma cinta de ferro ⁽¹⁸⁾. Em XV restava uma conta de vidro.

A NECRÓPOLE DA HERDADE DO PEGO

Tal como a do Monte de A-do-Mealha-Nova, ocupa um pequeno cabeço formado por um afloramento de xisto de orientação NW-SE, de vertentes suaves e fracamente arborizado; dista cerca de 700 m para E-SE das habitações do Monte e 1500 m, na mesma direcção, da Portela do Lobo, concelho de Ourique e freguesia de Sant'Ana

⁽¹⁷⁾ Ver, por exemplo, os objectos de bronze das necrópoles Cruz del Negro e los Alcores (Carmona) — escavações de G. Bonsor. Também em J. Maluquer 'Excavaciones Arqueológicas en el Cerro del Berrueco' Salamanca 1958.

⁽¹⁸⁾ Cintas de ferro unidas com pregos, ou isoladas, são frequentes e dizem respeito, de um modo geral, à incineração com carros. No presente caso dada a fragilidade e dimensões das cintas há que excluir que as mesmas tivessem pertencido a um carro. Se se tratasse de uma miniatura votiva fugiríamos ao usual pois que esta não imita o original no material mas sim na forma.

da Serra (19). Compõem-na 35 monumentos de um provável conjunto primitivo de 38. Estes túmulos, justapostos uns aos outros, pertencem todos ao tipo a) anteriormente descrito para a Necrópole do Monte de A-do-Mealha-Nova. Esta necrópole do Pêgo situava-se à profundidade mínima de 7 cm e máxima de 9 cm. Os túmulos encontram-se relativamente bem conservados pois que o local não terá sido muito intensamente agricultado — encontrámo-lo coberto de esteva.

Procedemos à limpeza do terreno o que nos revelou a necrópole sob a aparência de uma 'calçada'; deixámos a SW um testemunho em forma de cruzeta cujos braços têm, cada, 2 m de comprimento e 60 cm de largura.

O desenho completo da Necrópole, trabalho utilíssimo, indica-nos a individualização de cada túmulo dado que numa área total que oscila pelos 830 m² a necrópole apresenta o aspecto de um empedrado compacto.

Quando se procedia à limpeza da esteva, por arranque manual, na zona mais oriental da necrópole deparámos com grande quantidade de cerâmica à superfície. Verificámos tratar-se do espólio de um túmulo cuja moldura, seccionada num dos topos, se tinha em grande parte perdido: isto motivado certamente pela forte inclinação do terreno (20°) onde o túmulo havia sido construído e por uma lavra antiga (arado de muares com formão a 10 cm). Recolheu-se inúmeros fragmentos de cerâmica e três peças relativamente bem conservadas. Esta cerâmica pode, 'grosso modo', dividir-se em dois grupos,

1 — aquele em que predominam as peças baixas — 'taças' — com carena pouco acentuada e umbo,

2 — outro que integra peças altas; destas temos dois exemplares:

a) um, com bojo e colo acentuado que termina, em cima, por uma pequena aba ligeiramente curva para o exterior,

(19) A Necrópole da Herdade do Pêgo encontra-se a uma distância média de 257 metros, estacionando no TC 68 instalado do Cerro Alto e orientado a zeros sobre o marco geodésico das Figueiras, com um azimute de 398,40 gr.

O terreno onde se situa esta necrópole é propriedade do sr. dr. Augusto Guerreiro Themudo e Melo, residente na vila de Ourique.

b) outro, aparentemente do tipo 'urna', com boca larga e que tem como decoração um cordão de dedadas inciso no arranque do bordo ⁽²⁰⁾.

Em toda esta cerâmica não encontramos vestígios de moldagem ao torno; o desengordurante, grosseiro, é micáceo e quartzítico; a pasta é compacta (alguns exemplares apontam breves focos porosos) embora apresente os efeitos de cozedura irregular; a coloração vai, na mesma peça, do castanho avermelhado ao negro. As peças carenadas têm um leve polimento de superfície.

Apareceu ainda um pequena peça de cerâmica bitroncocónica, semelhante nas características plásticas às anteriores e que por paralelo morfológico dominámos de 'suporte' ⁽²¹⁾.

Este túmulo leva no plano geral da necrópole o n.º II.

Os túmulos I, V e VI apenas revelaram contas de vidro (v. quadro das contas).

Monumento III — Este túmulo apresentava um fraco bloco de cobertura do qual, provavelmente, fazem parte algumas pedras que se encontram fora da moldura e que conservámos 'in situ'.

Material:

METAIS:

• 1 — fragmento de uma vareta de ferro (3cm5 de comprimento, 0,4 cm de largura, 0,2 cm de espessura) com uma curva numa das extremidades. Não sabemos a que objecto pertenceu.

⁽²⁰⁾ Como paralelos podemos apontar o exemplar 41 das escavações do 'Cerro de Salomón', (Riotinto (Huelva) para o perfil e decoração; e os 4, 5, 31, 82, 130, 203, 217, 218, 219, 229, 367, para a decoração digitada, publicados por A. Blanco, J. M. Luzón e D. Ruiz — «Excavaciones Arqueológicas en el Cerro Salomón (Riotinto, Huelva)», Publicaciones de la Universidad de Sevilla, Sevilla 1970.

⁽²¹⁾ Esta peça tem paralelos em Huelva, na Tumba Orientalizante de «La Joya», figs. 14 e 15, mas principalmente no mencionado na p. 24 como feito à mão. Publicados por: Elena Maria Orta y J. P. Garrido — 'La Tumba Orientalizante de «La Joya», Huelva'. Trabajos de Prehistoria — XI, C. S. I. C. Madrid 1963. E aparece igualmente no 'Cerro de Salomón', Riotinto, Huelva, fig. 54, descrição p. 19. (o nosso exemplar não apresenta decoração).

• 1 — fragmento de um fecho de cinturão em bronze/cobre do qual temos apenas três terminais de 2 'garfos' e um resto da placa em que assentavam.

O estado de conservação é péssimo, mas os fragmentos que restam e a circunstância de ter sido encontrado sensivelmente a meio do túmulo, permitem apontá-lo como um fecho de cinturão ⁽²²⁾.

• 1 fragmento de faca de bronze/cobre e ferro com um prego de ferro ao centro. Este fragmento deve ter pertencido a uma faca como a do túmulo IV desta necrópole. Conserva-se a parte de transição entre a lâmina e o cabo.

Pedra :

• I pendente triangular de pedra (arenito) com os cantos arredondados e orifícios de suspensão, com vestígios de uso. Mede: 5 cm × 3cm5 com 1cm5 de espessura ⁽²³⁾.

Integrada na arquitectura deste túmulo, no local assinalado na fotografia, apareceu uma inscrição de três caracteres ⁽²⁴⁾.

MONUMENTO IV

É sem dúvida nenhuma, até agora, o túmulo mais 'completo' desta necrópole. Dimensões:

pelo exterior da moldura — 2m,2 × 1m7;

pelo interior da moldura — 1m,8 × 1m,5.

• Pertence aos túmulos de tipo a) e tem como dimensões máximas na vala tumular: comprimento — 1m16; largura — 0,72 m e a profundidade de 0,35 m.

⁽²²⁾ Paralelos na Necrópole Cruz del Negro (Carmona) — escavações de G Bonsor. Museu Arqueológico de Sevilla.

⁽²³⁾ É de certo modo um objecto insólito no conjunto; porém encontramos objectos semelhantes com o mesmo carácter de excepção na 'Bastida de los Alcuses', departamento 44, n.º 8. Publicado por D. Fletcher, E. Pla y J. Alcacer, La Bastida de los Alcuses (Mogente — Valencia), S. I. P., Valencia 1965.

⁽²⁴⁾ As inscrições desta necrópole serão objecto de um trabalho à parte.

A construção é feita sem cimento de ligação, assentando pedra sobre pedra; entre a rocha cavada para formar a vala do túmulo e as pedras da moldura interior há uma pequena camada de terra de 0,1 m de espessura. A cobertura era feita por pedra da região, de tamanhos variáveis, e rareava na parte N do túmulo donde poderia ter sido afastada devido à inclinação do terreno e aos trabalhos agrícolas. Recolheu-se o seguinte espólio:

Cerâmica — • 'taça' de cerâmica rosada, de barro muito depurado, com desengordurante quartzítico finíssimo. A cozedura é uniforme. A peça não apresenta, quer interior quer exteriormente, nenhuma espécie de engobe ou polimento. O bordo é ligeiramente enrolado para o interior. Dimensões: diâmetro da boca 24 cm, diâmetro do fundo 8 cm, altura 7cm,4. Não encontramos paralelo para esta peça.

Metais — • fragmento de lança, em ferro, com o comprimento total de 22cm5, sendo 9 cm para o alvado, 4 cm para a zona de transição entre alvado e a lâmina, e 9cm5 para a lâmina, que tem a nervura descentrada ⁽²⁵⁾.

• 1 faca de ferro com leve curvatura na extremidade da lâmina; na ligação desta com o cabo tem, de ambos os lados, um enfeite de bronze/cobre. Na zona do cabo há 3 pregos, de secção circular, em ferro. Imediatamente antes do enfeite, e na direcção do gume, mostra uma oxidação, que na parte superior (a representada na gravura) sobrepõe o próprio bronze/cobre.

É possível que se trate da terminação superior em ferro de uma bainha (de outro material mais facilmente perecível), que tivesse ligado a sua própria oxidação à da lâmina. A parte terminal da lâmina está partida. Dimensões: comprimento total, 13cm,4, da lâmina 8cm,5, da zona de ligação 1 cm, do cabo 3cm,9; os pregos trespassam o cabo em 4 mm máximo e 2 mm no mínimo ⁽²⁶⁾.

• adorno de Au de forma tronco-cónica, oco, de 1 cm de comprimento, por 0,8 cm de diâmetro máximo. Esta peça é feita por enro-

⁽²⁵⁾ O melhor paralelo para esta lança encontra-se nas da Necrópole do Monte de A-do-Mealha-Nova, embora o alvado desta lança exceda o das outras em 1,5 cm.

⁽²⁶⁾ Paralelos para esta faquinha encontram-se nos espólios das tumulações 7 e 9 da necrópole de «La Joya» (Huelva) e publicados por J. P. Garrido em 'Excavaciones Arqueológicas en España' 71, Madrid 1970.

lamento de 1 fina placa, como o mostra a sobreposição do sentido do comprimento.

Vidro — • conta de vidro cilíndrica fracturada, mostrando além da perfuração longitudinal, uma tentativa de perfuração lateral, que não chega contudo a atingir o orifício central (v. quadro das contas).

A distribuição dos objectos no túmulo é a que se pode ver na gravura. Convém acrescentar que a faca se encontrou dentro da taça, (que estava ligeiramente inclinada) e que a conta de vidro estava por baixo desta. A lança, que está quebrada na lâmina, estava envolvida por um aglomerado de terra com óxidos. Na zona fracturada a oxidação é igual à que se observa no restante da peça. Por esta razão cremos que a fractura da lança é propositada, e evidentemente contemporânea da tumulação.

Integrada na arquitectura deste túmulo, no local assinalado na gravura, apareceu uma lápide inscrita em caracteres 'ibéricos' do SW.

Existe ainda uma outra peça epigráfica proveniente desta necrópole que apareceu à superfície, no local que se indica no plano da área da necrópole, e que está hoje na colecção do dr. F. Nunes Ribeiro.

Aproximadamente equidistantes (4km5) do rio Mira, estas duas necrópoles caracterizam-se aparentemente por uma homogeneidade de arquitectura e mobiliário.

Ao parentesco arquitectural com algumas sepulturas proto-históricas do Levante espanhol⁽²⁷⁾ (algumas necrópoles valencianas e outras alicantinas) alia-se, aqui, um volumoso espólio fruto do comércio fenício ou púnico, perfis cerâmicos do Bronze final e ainda o ferro euro-asiático da difusão da Meseta (se acompanharmos W. Schüle) — tudo isto levanta problemas complexos de cronologia para os quais não podemos ainda apontar soluções que esclareçam capazmente. A anterioridade mais próxima situa-se nesta região na necrópole do

(27) Ver, por exemplo, Salvador Vilaseca Anguera, 'Coll del Moro — yacimiento post-hlástico; I. E. I. E. V., Valencia 1953.

Bronze final da Atalaia ⁽²⁸⁾ que dista destas duas necrópoles uma escassa meia dúzia de quilómetros para W.

Apresentamos agora os conjuntos arqueológicos que acompanham a epigrafia proto-histórica do nosso Baixo-Alentejo, esperamos em próximos trabalhos poder vir a aferir a exacta cronologia da mesma.

*

* * *

Não querem os AA. deixar de testemunhar o profundo reconhecimento que ficaram devendo a Thea E. Haevernick e Ingrid Gamer-Wällert pelos seus ensinamentos; não esquecem igualmente o fidalgo acolhimento que tiveram na Herdade do Pêgo da parte do seu proprietário o dr. Augusto G. Themudo e Melo e a elevada compreensão do sr. Aníbal Loução Lêdo, proprietário do Monte de A-do-Mealha-Nova; ao sr. António Vitorino de Matos, esforçado defensor dos valores históricos do concelho de Ourique, queremos agradecer toda a diligência que pôs na obtenção de informações úteis e a boa vontade com que sempre nos acompanhou; finalmente, queremos ainda referir, com especial menção, os nomes dos srs. Manuel Silvério (Mealha-Nova) e Manuel da Conceição (Pêgo) pelo zelo desinteressado que puseram na defesa do património arqueológico das propriedades à sua guarda. Para o Manuel Ricardo, da Aldeia de Palheiros, nosso companheiro de um ano de prospecções e trabalhos de arqueologia vai o nosso maior muito obrigado.

R É S U M É

Cet article constitue un bref aperçu sur deux nécropoles à incinération dans le coeur du Bas-Alentejo. On étudie l'architecture des sépultures et son mobilier: la céramique, le fer et les objets du commerce phénicien et punique. À remarquer la présence des stèles proto-historiques avec inscriptions en caractères ibériques du SW de la Péninsule et, aussi, parmi les bijoux, un anneau sigillaire à chaton mobile avec un scarabée qui porte la cartouche de Pédoubaste.

⁽²⁸⁾ Hermanfrid Schubart; Atalaia, uma necrópole da idade do Bronze no Baixo Alentejo; in Arquivo de Beja XXII, Beja 1965.

BREVE NOTA SOBRE AS INSCRIÇÕES DA NECRÓPOLE DE
A-DO-MEALHA NOVA ⁽²⁹⁾

Duas das inscrições foram levantadas pelo tractor e recolhidas no local, juntamente com fragmentos duma terceira, pelo sr. Manuel Silvério, caseiro do Monte de A-do-Mealha-Nova que despertado pela singularidade do achado o comunicou a António Vitorino de Matos, de Ourique, o qual deu delas conhecimento ao dr. Fernando Nunes Ribeiro.

As inscrições levantadas pelo tractor levam os números I e II; a inscrição III foi encontrada 'in situ', implantada verticalmente no solo com dois calços grandes, um anterior e outro posterior, e pequenos calços laterais. Toda a parte superior da inscrição fora fragmentada pelo impacto da charrua do tractor e a maior parte dos elementos dispersos havia sido recolhida à superfície.

Estas inscrições merecem, desde já, algumas observações:

a) As inscrições I e II são aparentemente trabalho do mesmo lapicida; o talho dos η , γ , \ddagger e, sobretudo, dos Λ , com pequena obliquidade do traço de ligação das pernas, e ainda o 'inacabado' das linhas da «cartouche», definindo como que um apontamento, dão-nos uma homogeneidade de desenho raríssima de encontrar em duas inscrições deste tipo ⁽³⁰⁾.

b) O traçado dos $\nu\eta$ na inscrição I não se pode considerar absolutamente original, pois que ocorre em uma inscrição de Cenáculo ⁽³¹⁾, mas é raro. Estilisticamente parece-nos esta forma mais próxima do paradigma fenício.

⁽²⁹⁾ Estas inscrições, bem como as da necrópole da Herdade do Pêgo, serão objecto de próxima publicação crítica e analítica dos AA. e do dr. Fernando Nunes Ribeiro.

⁽³⁰⁾ Das inscrições do SW, já publicadas ou expostas em museus, apenas duas, segundo nos parece, podem ser atribuídas a um mesmo lapicida.

⁽³¹⁾ Album de Cenáculo — 1,14-96; Cartailhac, p. 271; Monumenta Liguæ Ibericæ LXIV.



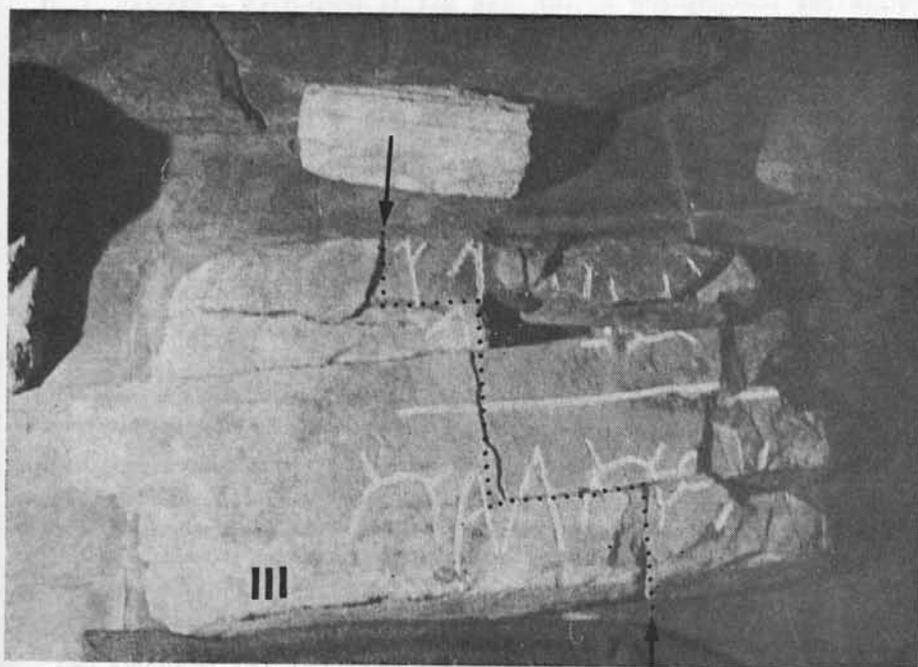
Inscrições da necrópole do Monte de A-do-Mealha-Nova, I e II. (caracteres avivados a giz)

c) Ainda na inscrição I para o signo ☼, inteiramente novo, e embora nada possa provar que não seja autêntico, propomos um certo cepticismo de aceitação, porque:

1) os 'raios solares', muito simplesmente, podem ter sido apositos a um \circ , posteriormente ⁽³²⁾; a análise do 'ductus' nada nos levou a concluir de decisivo.

2) se os 'raios solares' são originais o novo signo (um sol de 7 raios) aparece-nos com boas características de um possível ideograma integrado numa escrita que, até hoje, parece de todo não os integrar.

⁽³²⁾ A deformação de caracteres epigráficos por aposição de 'grafitos' é comum.



Inscrição III da Necrópole Monte de A-do-Mealha-Nova. A linha ponteada divide a parte da inscrição encontrada ainda implantada no solo dos fragmentos dispersos à superfície. (Caracteres avivados a giz)

d) A inscrição III, com linha de divisão central e um desenho bem diferente dos \times da inscrição I parece indicar um outro lapicida.

e) A forma terminal $\eta\theta\eta\circ\chi$... da inscrição I tem paralelos conhecidos⁽³³⁾ e aparece também precisamente na inscrição de Cenáculo que referimos para a alínea b).

f) Se se interpretar a parte final da inscrição II como $\alpha\eta\circ\eta\alpha\zeta$ ($\eta = \zeta$) e se admitirmos que ela foi traçada pelo mesmo lapicida para escrever na mesma língua ou dialecto, notamos divergência com a forma ... $\alpha\eta\alpha\zeta$ da inscrição I; $\alpha\eta\alpha\zeta$ aparece numa inscrição de Bensafrim (Fonte Velha), não concorrendo aí⁽³⁴⁾ uma sequência idêntica de caracteres.

(33) Ver os n.ºs 299, 304 e 313 da antologia publicada por Maluquer de Motes na sua 'Epigrafia Prelatina de la Península Ibérica', Barcelona 1968.

(34) Ver o n.º 301 da antologia de Maluquer.

BIBLIOGRAFIA

Recentemente, Maria Eugénia Aubet Semmler, de Barcelona, publicou um excelente tentame de 'corpus' bibliográfico sobre esta problemática com o título de «Selección de Bibliografía Moderna para el Analisis de los Problemas de Tartessos», in 'Tartessos y sus Problemas' — V Symposium International de Préhistoire Peninsular. Jerez de la Frontera 1968, ed. da Universidad de Barcelona, 1969. A bibliografia que se passa a citar, constitui um modesto subsídio de actualização do trabalho de Maria E. Aubet e com a inclusão de títulos de autores portugueses que aí não são referidos ou por desconhecimento da sua existência ou por critério (?) de não extensão ao SW Peninsular Português das questões referentes aos primórdios da colonização fenícia e dos problemas tartéssicos.

ABEL VIANA, JOSÉ FORMOSINHO y OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA — *De lo Prerromano a lo Arabe en el Museo Regional de Lagos*, in «Archivo Español de Arqueología», Madrid 1953.

A. BIANCO FREIJEIRO, J. M. LUZÓN NOGUÉ y D. RUIZ MATA — *Excavaciones Arqueológicas en el Cerro Salomón (Riotinto, Huelva)*. Publicaciones de la Universidad de Sevilla, Sevilla 1970.

ADOLF SCHULTEN — *Die Etrusker in Spain*, in Klio 23, 1929-1930.

AFONSO DO PAÇO, FERNANDO NUNES RIBEIRO y GONÇALO LYSER FRANCO — *Inscrição Ibérica da Corte do Freixo (Almodôvar)*, in «Zephyrus» XVI, Salamanca 1965.

ANDRÉ JODIN — *Bijoux et Amulets du Maroc Punique*, in Bulletin d'Archéologie Marocaine VI, Maroc 1966.

ANTÓNIO MANUEL CAVALEIRO PAIXÃO — *A Necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal*. Elementos para o seu estudo, dissertação de licenciaturas apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa 1970.

ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA — *A Necrópole Proto-Histórica da Fonte Velha, em Bensafrim*, in Memórias sobre a Antiguidade, Figueira da Foz, 1897.

ANTÓNIO TOVAR — *The Ancient Languages of Spain and Portugal*, ed. S. F. Vanni, New York, 1961.

D. FLETCHER, E. PLA y J. ALCACER — *La Bastida de los Alcuses (Mogente-Valencia) I e II*. Trabajos Varios del S. I. P. 24 e 25, Valencia 1965, 1969.

DOMINGO FLETCHER VALLS — *Problemas de la Cultura Ibérica*. Trabajos Varios del S. I. P., 22, Valencia 1960.

EDUARDO DA CUNHA SERRÃO — *A Necrópole Proto-Histórica do Casalão*, Sesimbra, ed. da Junta Distrital de Setúbal, Setúbal 1964.

E. HÜBNER — *Monumenta Linguae Ibericae*. George Reimer, Berlin 1893.

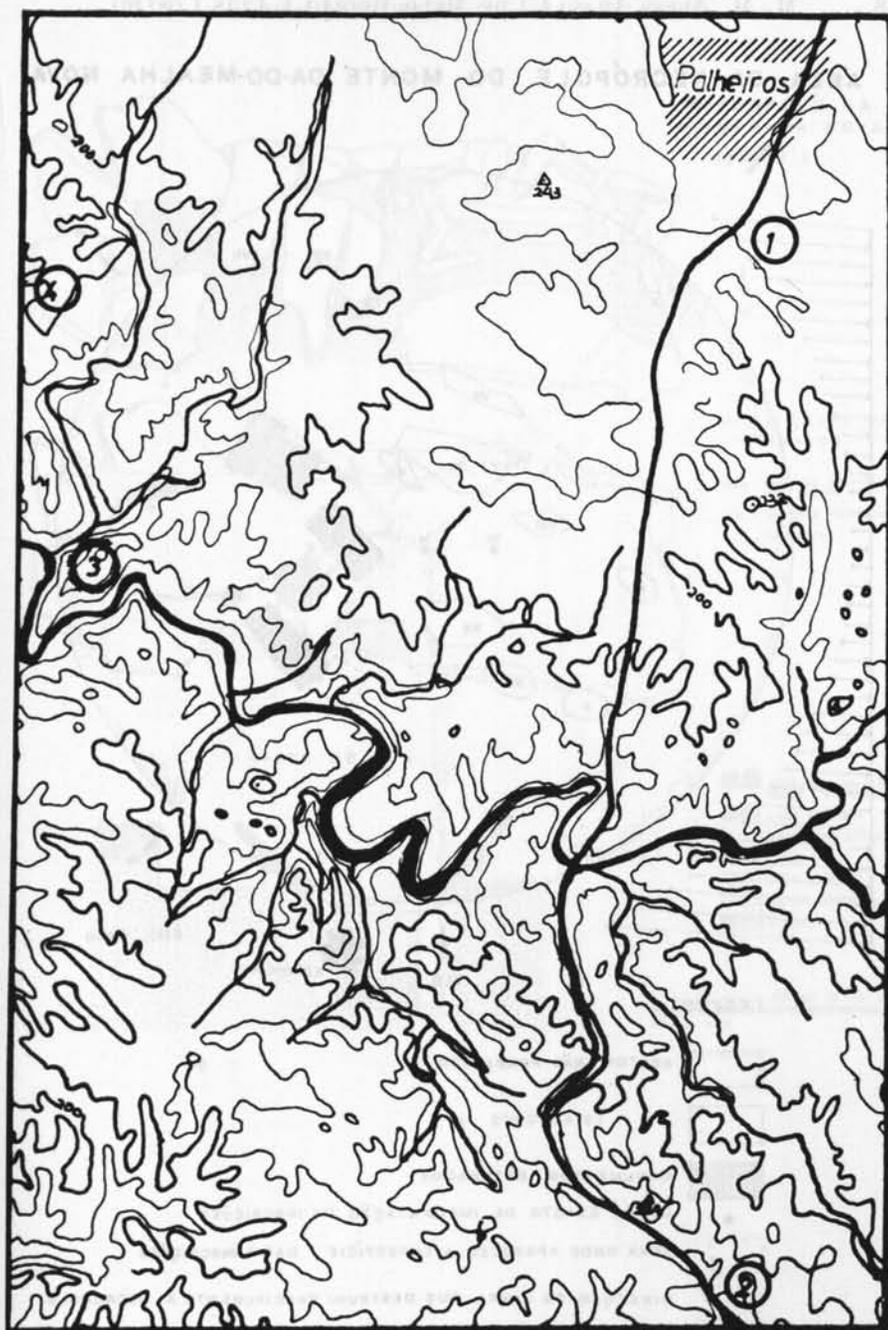
E. HÜBNER — *Objectos del comercio fenicio encontrados en Andalucía*, in Rev. Arch., Bibl. y Museos, Madrid 1900.

FERNANDO NUNES RIBEIRO — *O Bronze Meridional Português*, Beja 1965.

GABRIEL CAMPS — *Corpus des Poteries Modelées retirées des Monuments Protohistoriques d'Afrique du Nord*. Travaux du C. R. A. P. E., Algérie 1964.

- H. J. FRANKEN — *Excavations at Tell deir 'Alla*. A Stratigraphical and Analytical Study of the Early Iron Age Pottery. Documenta et Monumenta Orientis Antiqui XVI, Leiden 1969.
- JAVIER DE HOZ — *Acerca de la Historia de la Escritura Prelatina en Hispania*, in «Archivo Español de Arqueología» 42, Madrid 1969.
- J. LEITE DE VASCONCELOS — *Excursão pelo Baixo Alentejo*. 1897, in «O Arqueólogo Português» XXIX.
- J. LEITE DE VASCONCELOS — *Nova(s) Inscripção(ões) Ibérica(s) do Sul de Portugal*, in «O Arqueólogo Português» III, V, XVIII.
- J. LEITE DE VASCONCELOS — *Os Cónios*, in «O Arqueólogo Português» XXIX.
- J. LEITE DE VASCONCELOS — *Religiões da Lusitânia III*, Lisboa, 1913.
- J. MALUQUER DE MOTES — *Panorama Economico de la Primera Edad de Hierro*, na obra colectiva «Estudios de Economia Antigua de la Península Ibérica», ed. Vicens-Vives, Barcelona 1968.
- J. MALUQUER DE MOTES — *Tartessos, la Ciudad sin Historia*. Ediciones Destino, Barcelona 1970.
- J. M. BLASQUEZ, J. M. LUZÓN NOGUÉ, F. GOMEZ y K. KLAUSS — *Huelva Arqueológica. Las Ceramicas del Cabezo de San Pedro*, ed. da Diputacion Provincial de Huelva, Huelva 1970.
- JOHN C. ALLAN — *A Mineração em Portugal na Antiguidade*, in «Boletim de Minas» 2, Lisboa 1965.
- JOSÉ MIGUEL DA COSTA — *O Tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines)*, in Ethnos V, Lisboa 1966.
- JOSEPH VEACH NOBLE — *The Technique of Egyptian Faience*, in «American Journal of Archaeology» 73-4, 1969.
- JUAN PEDRO GARRIDO ROIZ — *Excavaciones en Huelva, El Cabezo de la Esperanza*. C. S. I. C. Excavaciones Arqueológicas en España 63, Madrid 1968.
- JUAN PEDRO GARRIDO ROIZ — *Excavaciones en la Necrópolis de 'la Joya', Huelva*. C. S. I. C. Excavaciones Arqueológicas en España 71, Madrid 1970.
- LEONEL TRINDADE e OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA — *Acerca do Vaso Piriforme Tartéssico de bronze do Museu de Torres Vedras*, in Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa, Lisboa 1965.
- DOM FREI MANUEL DO CENÁCULO VILLAS BOAS — *Sisenando Mártir e Beja sua Pátria*, ed. de Joaquim Manuel Delgado in «Arquivo de Beja» V e ss., Beja 1948, 1949.
- MARIA CLAUDETTE ALVES BELCHIOR — *Considerações sobre o problema da colonização púnica no território português*. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra 1962.
- MARTIN ALMAGRO GORBEA — *La necrópolis celtibérica de «Las Madrigueras»*. Carrascosa del Campo (Cuenca), C. S. I. C. Excavaciones Arqueológicas en España 41, Madrid 1965.
- MARTIN ALMAGRO GORBEA — *La necrópolis de «Las Madrigueras»*. Carrascosa del Campo (Cuenca), Biblioteca Praehistorica Hispana, X, Madrid 1969.
- MARTIN ALMAGRO GORBEA — *Hallazgo de un Kylix Atico en Medellin (Badajoz)*, in Crónica del XI Congresso Nacional de Arqueologia, 1969.

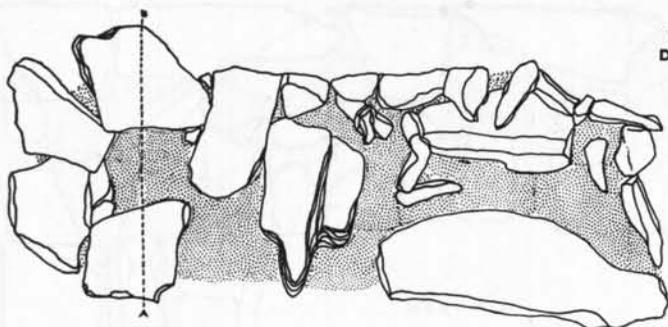
- MARTIN ALMAGRO GORBEA — *Primeiros resultados obtenidos en el Laboratorio de Geocronología del Instituto de Física Química «Rocasolano», desau Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, in 'Trabajos de Prehistória', 27, Madrid 1970.
- MICHEL PONSICH — *Necropoles Pheniciennes de la région de Tanger*. Études et Travaux d'Archeologie Marocaine — III, Maroc 1968.
- MIGUEL TARRADELL — *Economía de la Colonización Fenícia*, na obra colectiva «Estudios de Economía Antigua de la Península Iberica», ed. 'Vicens-Vives', Barcelona 1968.
- M. LOUIS et O. et J. TAFFANEL — *Le Premier Age du Fer Languedocien II. Les Necropoles a Incineration*, Bordighera-Montpellier 1958.
- N. LAMBERT — *Tayardit, une Necropole en Haute Moulouya*, in «Libyca» XV, Algérie 1967.
- O. JOHANNSEN — *Geschichte des Eisens*. Verlag Stahleisen, Düsseldorf 1953.
- PIERRE CINTAS — *Manuel d'Archéologie Punique I*. Editions A. et J. Picard, Paris, 1970.
- SEBASTIÃO P. M. ESTÁCIO DA VEIGA — *Antiguidades Monumentaes do Algarve IV*. Lisboa 1891.
- ULRICH SCHMOLL — *Die Sudluisitanischen Inschriften*, Wiesbaden, 1961.
- VERGÍLIO CORREIA — *Um amuleto egípcio da Necrópole de Alcácer do Sal*, in Terra Portuguesa 41, Lisboa 1925.
- VERGÍLIO CORREIA — *Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal*, in Biblos 7, Coimbra 1925.
- WALTER TRACHSLER — *The Influence of Metalworking on Prehistoric Pottery: some observations on Iron Age Pottery of the Alpine region*, in obra colectiva «Ceramics and Man», Aldine Publishing Company, Chicago 1965.
- WILHELM SCHÜLE — *Die Meseta* — Kulturen der Iberischen Halbinsel, Madrider Forschungen, Berlin, 1969.



LOCALIZAÇÃO RELATIVA DAS DUAS NECRÓPOLES

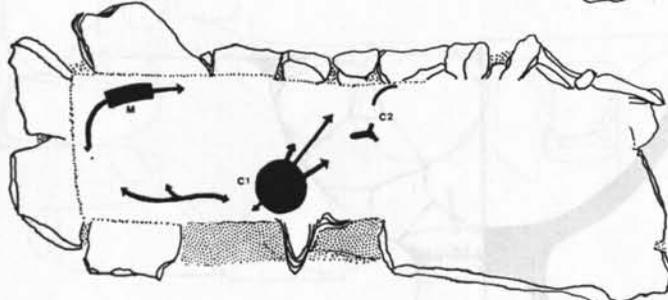
- 1 — Necrópole do Monte de A-do-Mealha-Nova.
- 2 — Necrópole da Herdade do Pêgo.
- 3 — Castro da Senhora da Cola.
- 4 — Necrópole de bronze da Atalaia.

NECRÓPOLE DA
DO-MEALHA NOVA
SEPULT. I

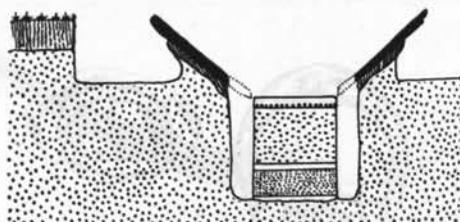


LOCALIZAÇÃO DOS
ACHADOS

- ZONA DE DISPERSÃO DAS CONTAS
- M . ADORNOS METÁLICOS
- C . CERÂMICA

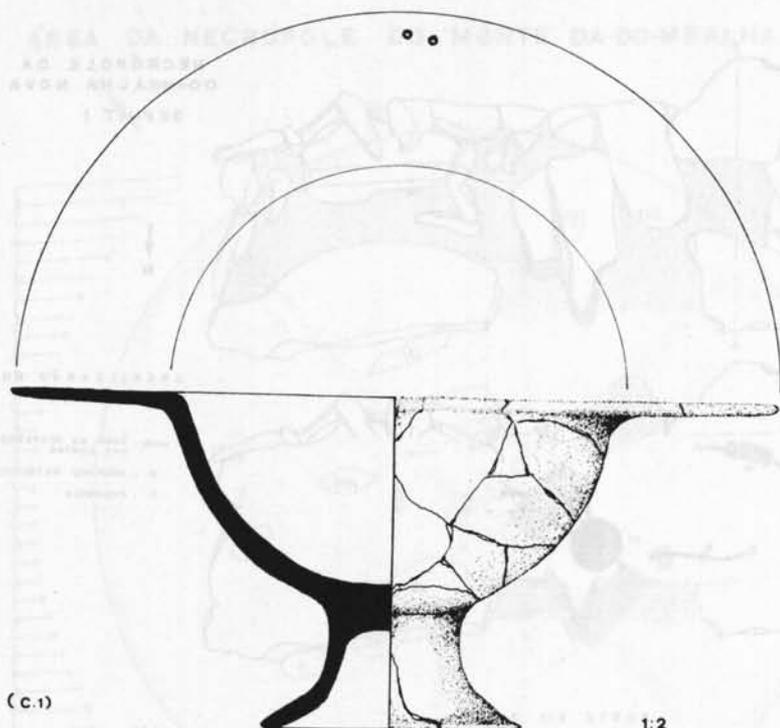


CORTE EM A-B



- TERRA DE SUPERFÍCIE c/ OSSOS E CARVÕES
- LAGE DE XISTO
- BARRO COM QUARTZO
- LAMA
- LAMA COM CAL
- TERRA QUEIMADA
- CINZAS

0 01 02 03 04 05 06 07 08 09 1
SCALA 1:10 METRO



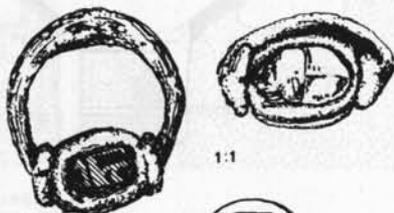
METAIS (M)



CONTAS DE RESINA



ESC. 1:1

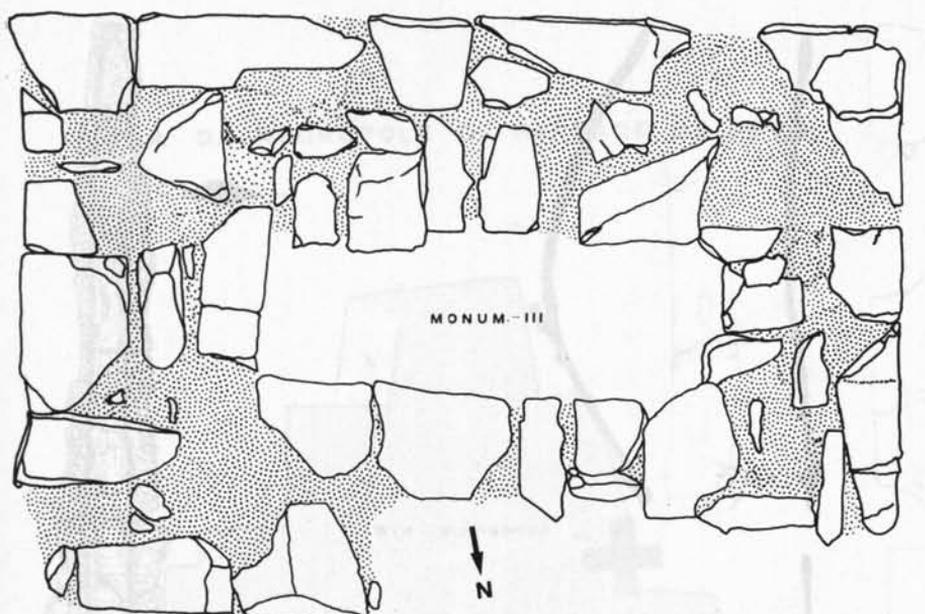


1:1

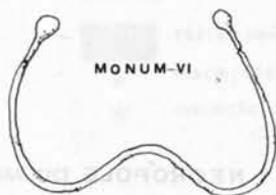
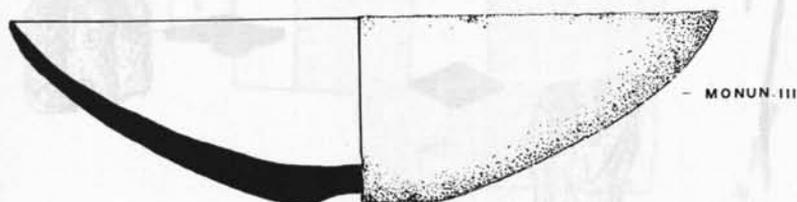


2:1

NECRÓPOLE DO MONTE
DA-DO-MEALHA NOVA
SEPULT. I



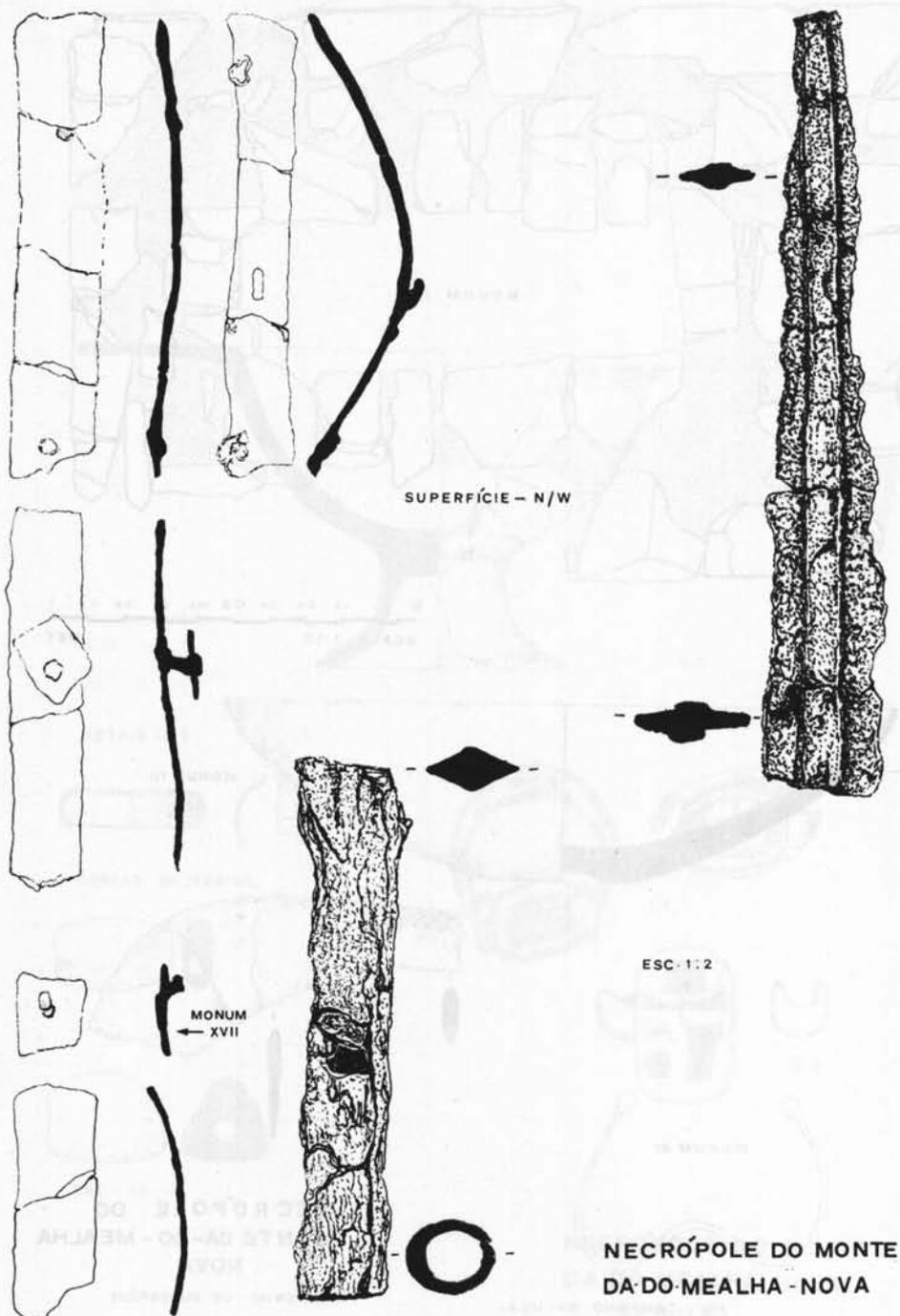
0 0.1 0.2 0.3 0.4 0.5 0.6 0.7 0.8 0.9 1
SCALA 1:10 MET



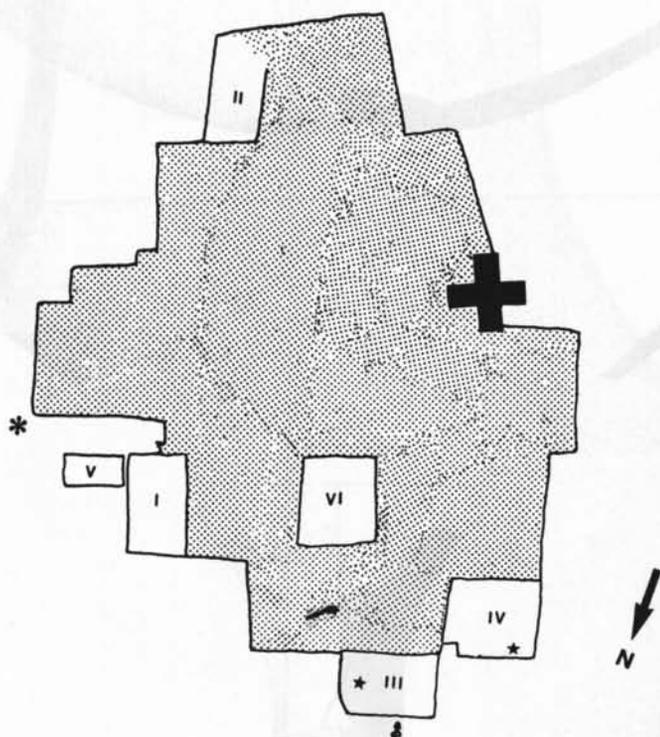
1/2 TAMANHO NATURAL

NECRÓPOLE DO
MONTE DA-DO-MEALHA
NOVA

MATERIAL DE SUPERFÍCIE



ÁREA DA NECRÓPOLE DA HERDADE DO PÊGO



□ TÚMULOS INDIVIDUALIZADOS

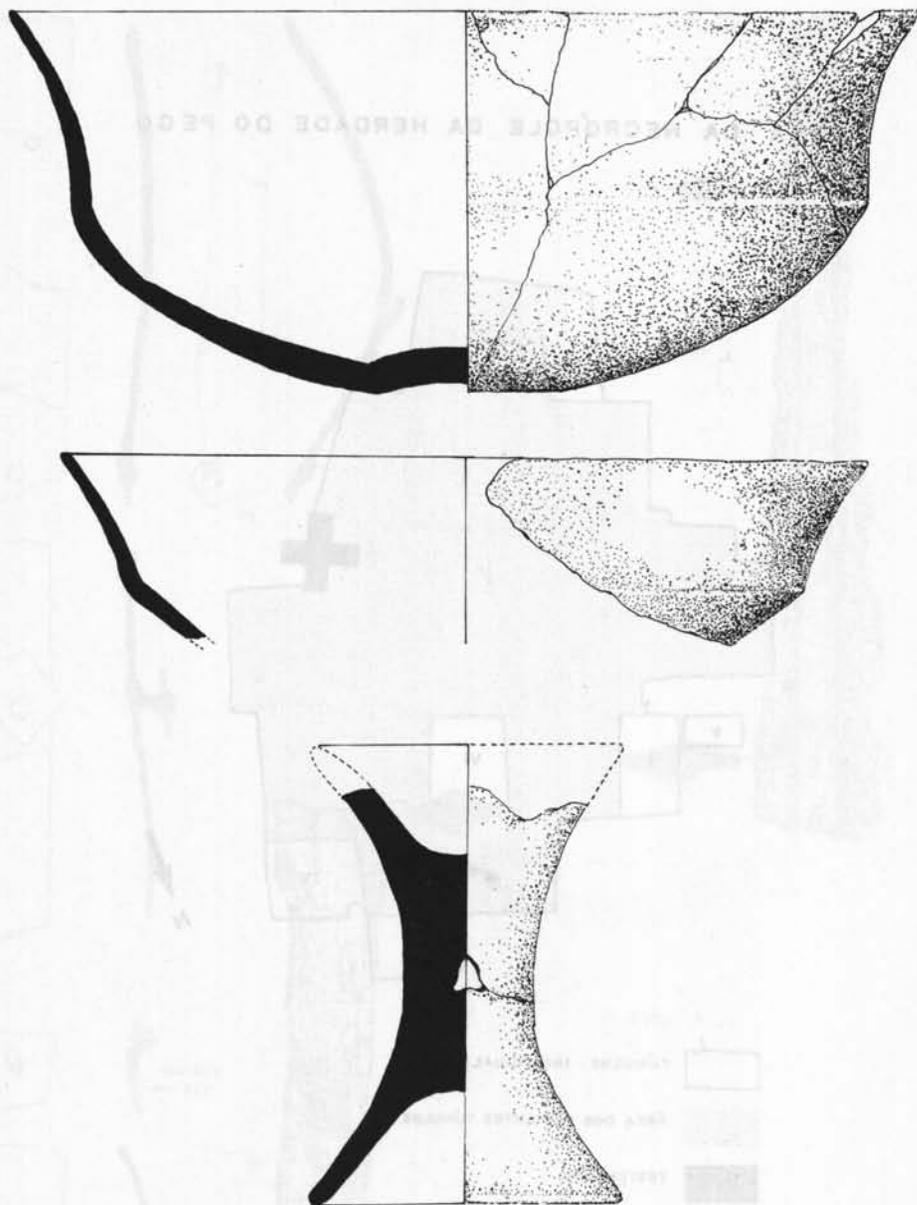
▨ ÁREA DOS RESTANTES TÚMULOS

■ TESTEMUNHO

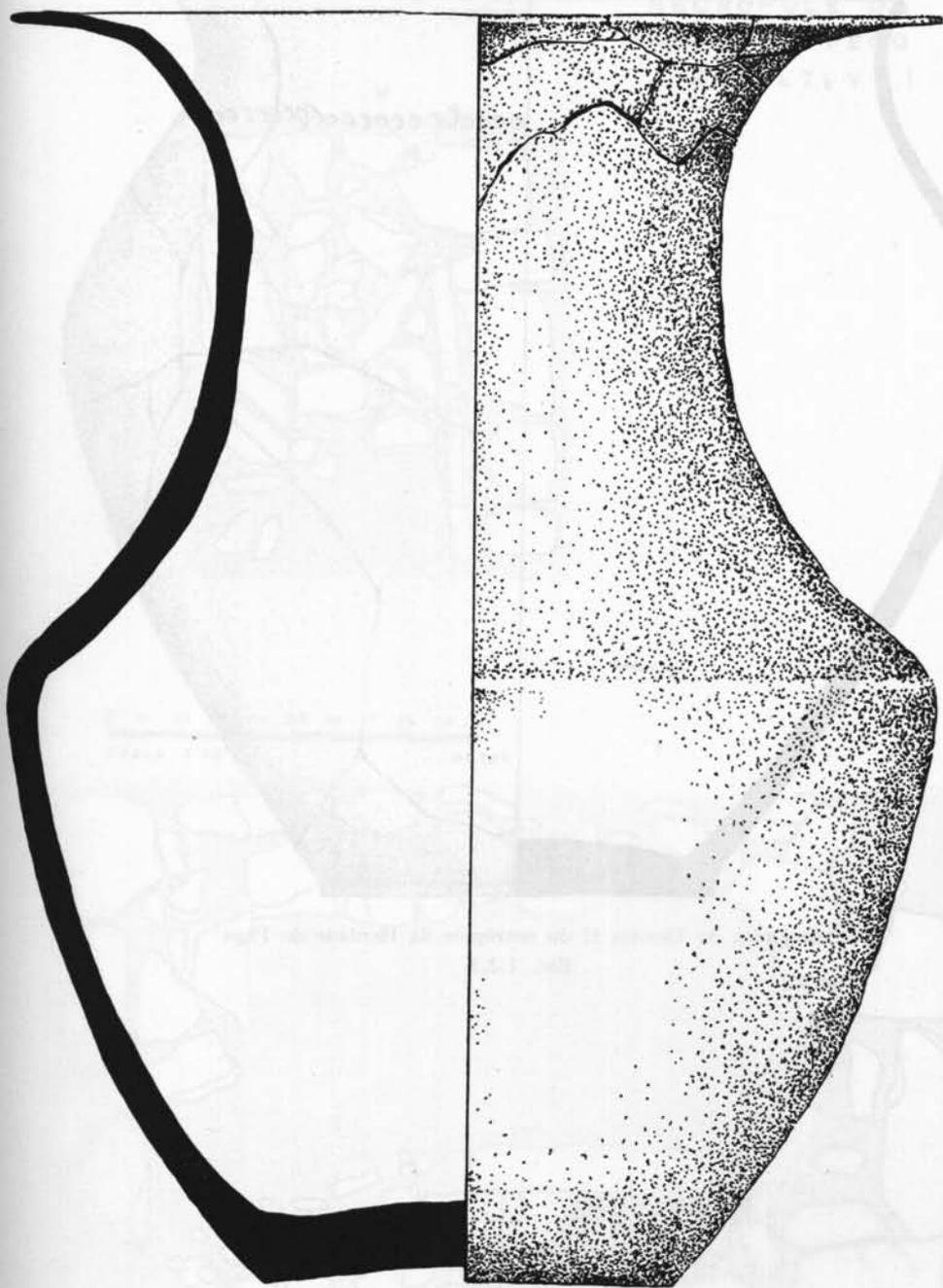
* INSCRIÇÕES 'IN SITU'

* INSCRIÇÃO DE SUPERFÍCIE

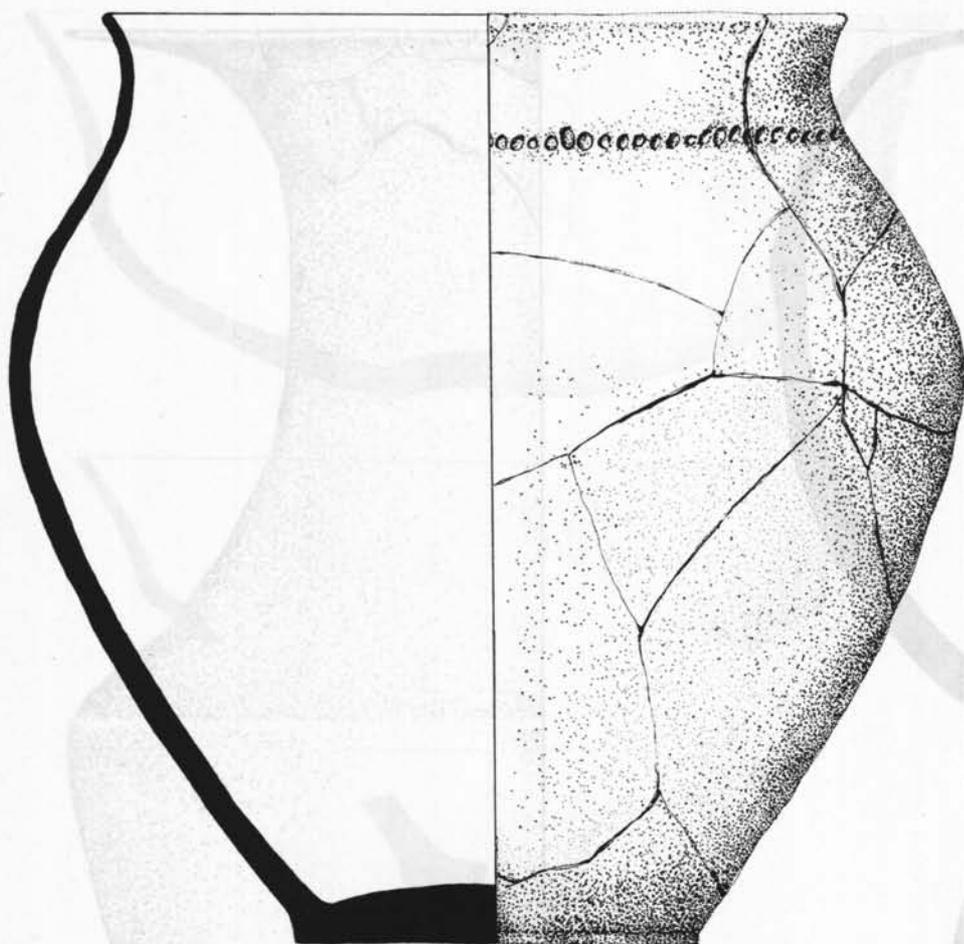
ESC. 1:400



Cerâmica do Túmulo II da necrópole da Herdade do Pêgo. Taças carenadas e suporte
Esc. 1:2



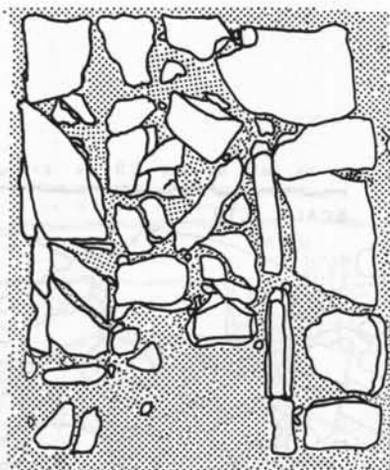
Cerâmica do Túmulo II da necrópole da Herdade do Pêgo
Esc. 1:2



Cerâmica do Túmulo II da necrópole da Herdade do Pêgo
Esc. 1:2,5

NECRÓPOLE DA
HERD. DO PÊGO
SEPULT. VI

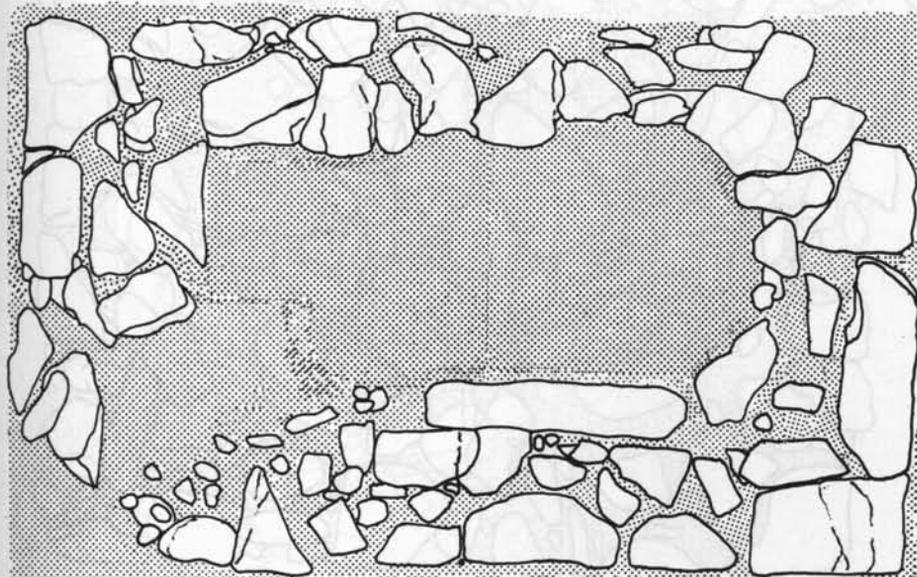
NECRÓPOLE DA
HERD. DO PÊGO
SEPULT. V E I



0 0.1 0.2 0.3 0.4 0.5 0.6 0.7 0.8 0.9 1
SCALA 1:10 METRO



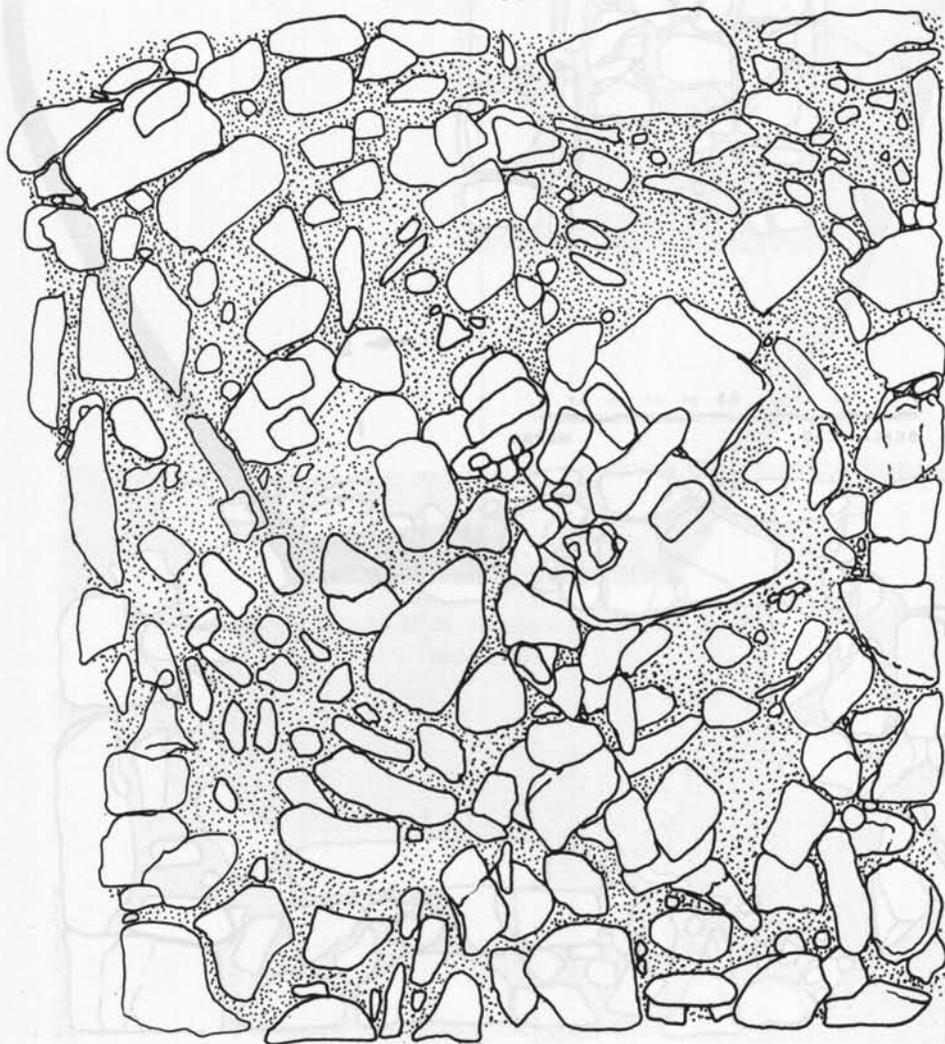
I



NECRÓPOLE DA
HERD. DO PÊGO
SEPULT. VI

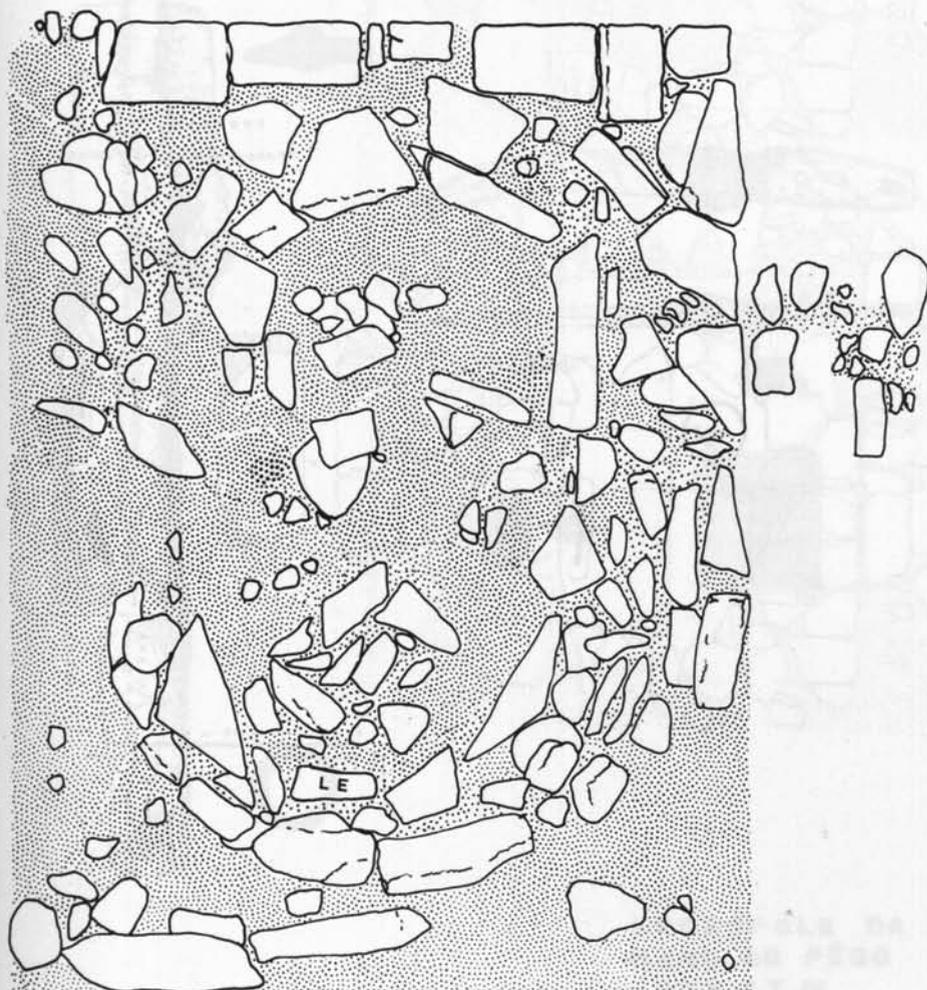


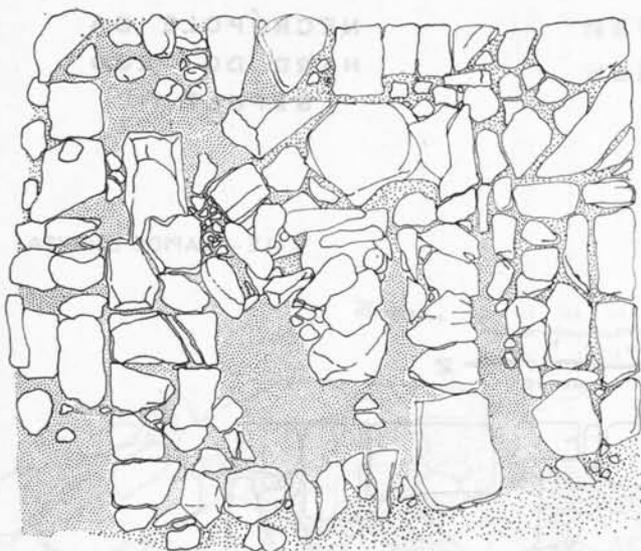
SCALA 1:10



NECRÓPOLE DA
HERD. DO PÊGO
SEPULT. III

LE — LÁPIDE ESCRITA





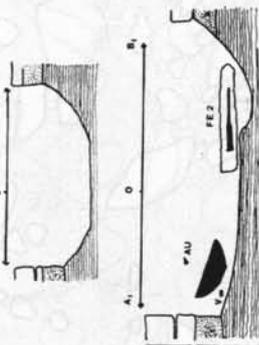
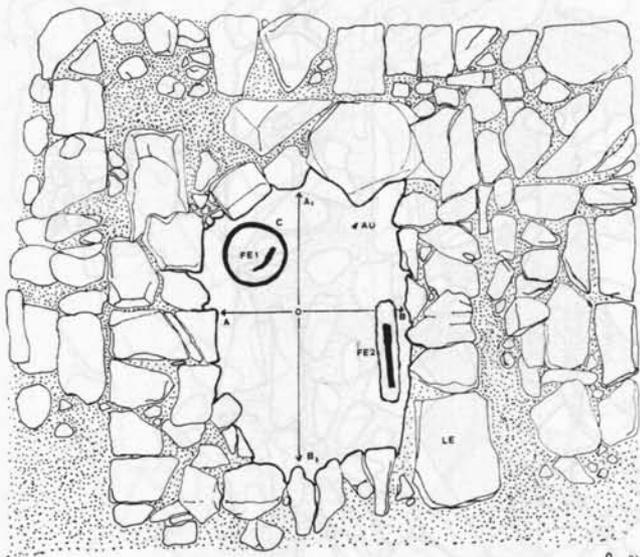
NECRÓPOLE DA
HERD. DO PÊGO
SEPULT.-IV

LE LÁPIDE ESCRITA
C CERÂMICA
FE FERRO
AU ADORNO DE AU
V CONTA DE VIDRO



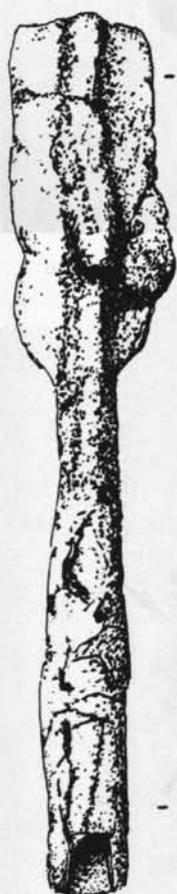
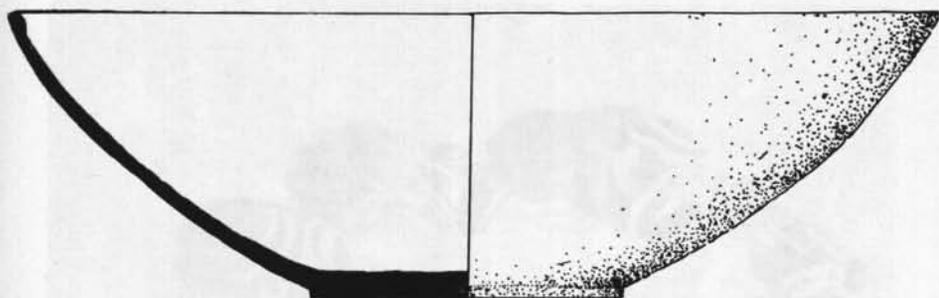
CORTES

TRANSVERSAL LONGITUDINAL



PEDRA
TERRA
ROCHA

0 01 02 03 04 05 06 07 08 09 1
SCALA 1:10 METRO



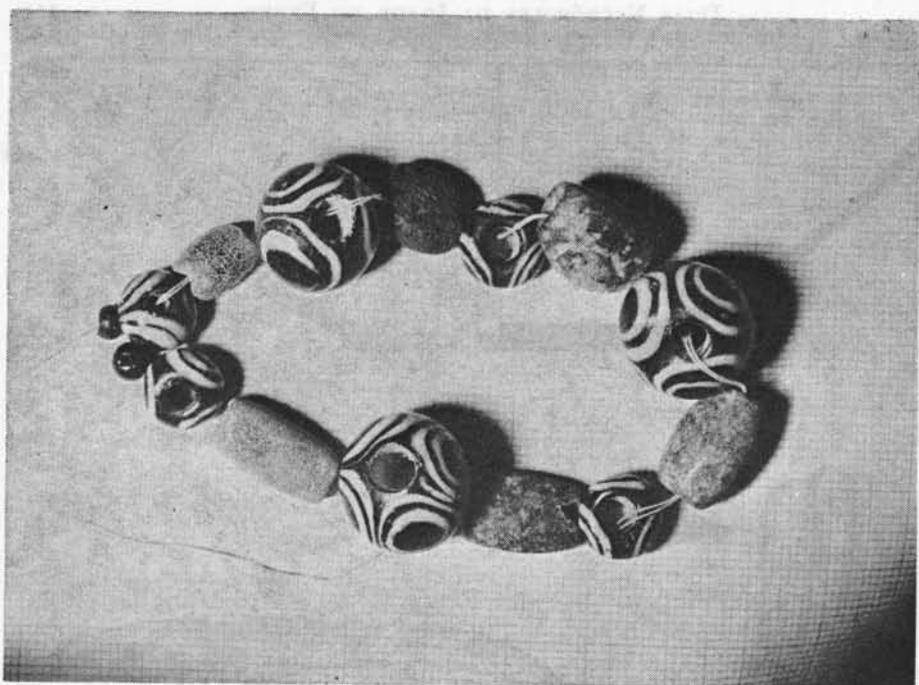
↑
FERRO

↑
COBRE
BRONZE

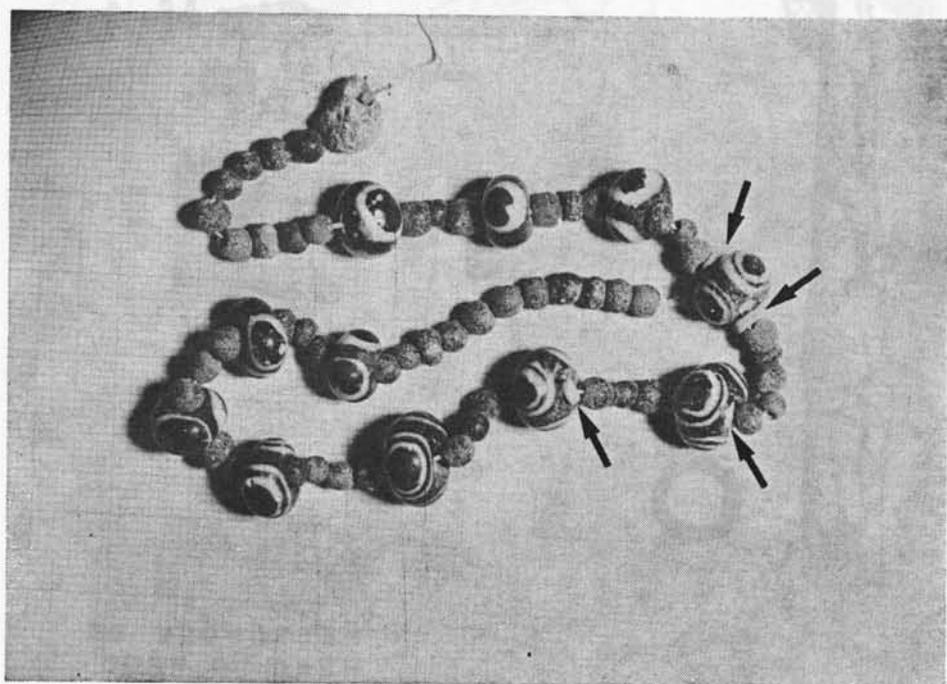


1/2 TAMANHO NATURAL

NECRÓPOLE DA
HERD. DO PÊGO
SEPULT. IV



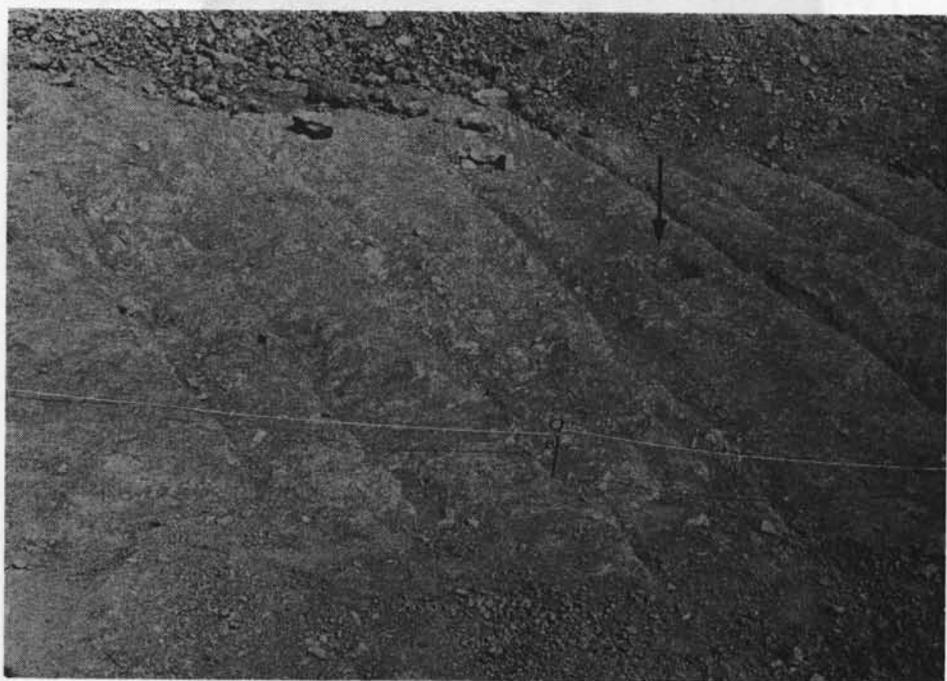
Necrópole de A-do-Mealha-Nova — contas de vidro e de rezina do monumento I



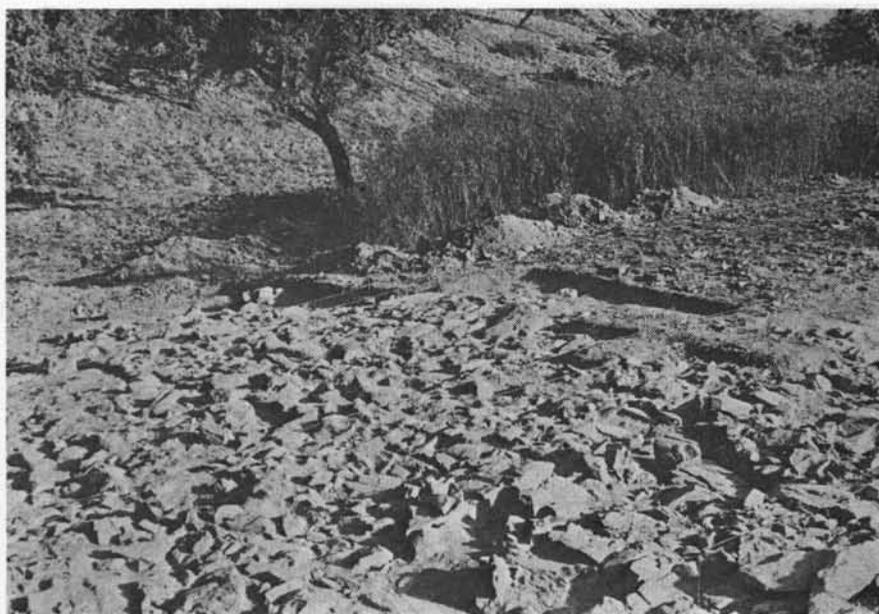
Necrópole de A-do-Mealha-Nova — Monumento II: parte do colar que se encontrava em posição. As setas indicam as pequenas contas cerâmicas



Necrópole de A-do-Mealha-Nova: A estrutura de implantação de uma das inscrições (13) — dois aspectos



Zona E da Necrópole de A-do-Mealha-Nova. As setas indicam o que resta dos túmulos XV e XVII. Note-se os regos feitos no solo firme pelo formão do arado

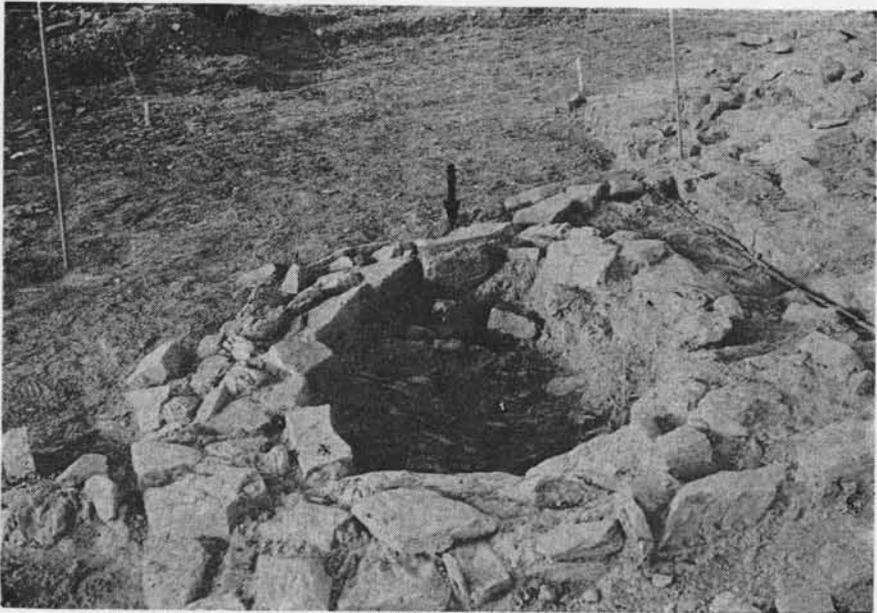


entre as sepulturas a nível da III altura, para a direita do plano

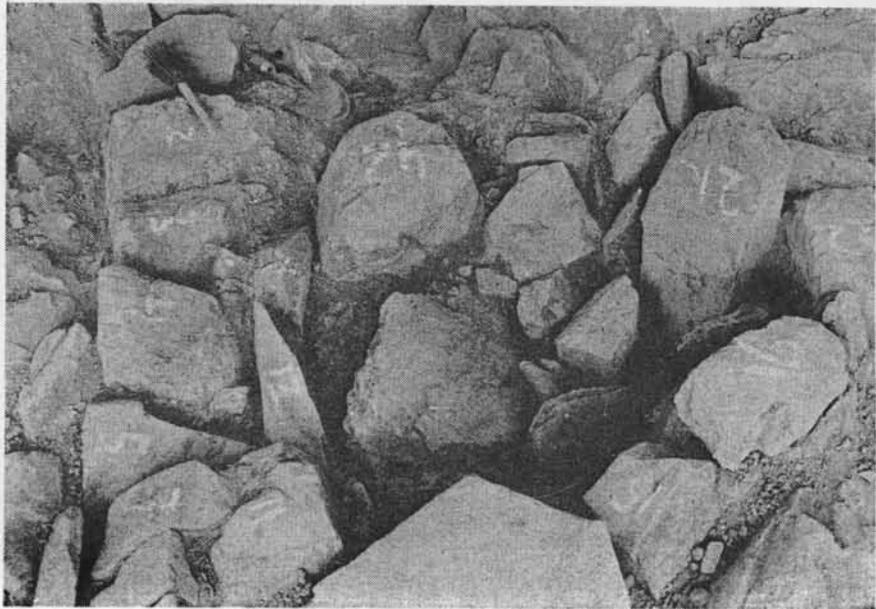


Necrópole da Herdade do Pêgo: dois aspectos da Necrópole — observe-se a baixa profundidade a que se situava da superfície do solo

entre as sepulturas a nível da III altura, para a direita do plano



Necrópole da Herdade de Pêgo: túmulo III. A seta indica a inscrição «in situ»



Necrópole da Herdade do Pêgo: Um aspecto do túmulo IV na fase final de limpeza

QUADRO DAS CONTAS DE VIDRO

- 1, 2, 3, 4, 10 e 11 — Contas de vidro negro com aplicações de vidro branco;
 5 — Conta de vidro negro com olhos de círculos amarelos e brancos;
 6 — Contas de vidro azul marinho com olhos de camada azul-turqueza e branco;
 7 — Conta de vidro azul-cobalto;
 8 — Contas negras;
 9 — Contas de vidro amarelo claro translúcido;
 12 — Conta de vidro de cor de laranja.

*

* *

A dr.^a Thea E. Haevernick, que observou directamente cada um dos tipos representados neste quadro, fez a respeito delas as seguintes observações, que passamos a traduzir:

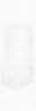
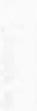
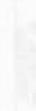
«Se me perguntar direi que estas contas devem datar do sec. VI a V A. C.. Elas pertencem com certeza ao círculo púnico, embora não se possa dizer, por enquanto, onde foram feitas.

Pode-se apontar um foco de difusão mas o 'ponto' de origem é problemático. Completamente desconhecidas, o que não é de espantar, são para mim a conta inteira e a metade em ziguezague fino e branco. As mais largamente difundidas e conhecidas são as contas turqueza com os olhos de camada azul e esbranquiçado. Também não são muito raras as contas: a grande e as duas pequenas, por exemplo a pequena escura com os olhos em círculo branco que talvez também sejam olhos de camada. Isto não é muito claro para mim. As contas tubulares com a espiral em ziguezague branca podem ir até ao séc. VII A. C.».....

«Pouco frequente no entanto, pertencendo provavelmente a um "tipo" (1) é a conta escura com o olho branco e amarelo. De facto elas nunca se me apresentaram. Curiosa é aquela continha preta e muito brilhante.»

(1) no sentido de «tipo fóssil» — (esta nota é nossa)

ESTUDO DAS CANTAS DE VIDRO

N.º	Descrição	Figura	Material	Ano	Local
1	Cantos de vidro Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
2	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
3	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
4	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
5	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
6	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
7	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
8	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
9	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
10	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
11	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
12	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
13	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
14	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
15	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
16	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
17	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
18	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
19	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
20	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
21	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
22	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
23	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
24	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo
25	Piscicultura (Lagoa de São Paulo)		Vidro	1911	São Paulo